

# TEMPO DE REVOLUÇÃO

13 DE MAIO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 01

Um novo jornal,  
para um *novo tempo*

Rumo ao Encontro Nacional  
Abaixo Bolsonaro!

Pg 03

O 13 de maio e a luta  
contra o racismo hoje

Pg 04

# Um novo jornal, para um tempo de revolução

As revoluções são a locomotiva da história. O regime da propriedade privada dos grandes meios de produção, que se consolidou a partir da Grande Revolução Francesa de 1789, trouxe ao mundo a promessa de liberdade, igualdade e fraternidade, porém, um regime nascido da exploração do homem pelo homem não poderia e não possibilitou a concretização de seus ideais. Vimos o avanço da técnica, da indústria, da ciência e das artes e vimos tudo se converter em seu contrário.

Hoje, o que o capitalismo nos oferece são as guerras, a violência policial ou do crime organizado, o retorno de ideias obscurantistas, a fome, o desemprego, as pandemias, a barbárie. Se este sistema não tem nada mais a oferecer para a humanidade, que morra! E somente uma revolução pode cumprir esse papel.

A classe operária já tomou os céus de assaltos em 1871, na França, e, em 1917, construiu o primeiro Estado operário da história. Mesmo traídos pela casta burocrática e massacrados pelo stalinismo, os trabalhadores e jovens soviéticos seguiram seu combate, inspiraram revoluções no mundo inteiro durante todo o século 20 e, em pleno século 21, vimos os trabalhadores venezuelanos dar passos importantes na luta contra o capital e movimentos revolucionários derrubarem em dias ditaduras que duravam décadas, durante a Primavera Árabe.

No momento em que a Covid-19 tomou o planeta, uma onda revolucionária varria o mundo e ameaçava as classes dominantes de Hong Kong, Líbano, Equador, Chile, entre uma série de outros países. Essa onda foi barrada pela pandemia, mas logo deu os primeiros sinais de que não seria por muito tempo quando, nos EUA, o assassinato de George Floyd pela polícia culminou em manifestações massivas que reverberaram por todo o globo, inclusive aqui no Brasil. Hoje, no momento em que lançamos nosso novo jornal, a Colômbia está em chamas e trabalhadores, jovens e camponeses barraram a reforma que atacaria diretamente a vida dos explorados colombianos. Mas também acompanhamos as grandes manifestações no Paraguai, Peru, Guatemala, Rússia, Nigéria, Índia... Enquanto os de cima se dividem, os de baixo lutam.

É com esse espírito, inspirados por essa nova situação que se abre em todo o planeta e da necessidade da derrubada do capitalismo pelos trabalhadores que a Esquerda Marxista lança o “Tempo de Revolução”, um jornal com um novo caráter, focado em nossas campanhas e atividades na luta de classes. Que expressará a ação militante na luta de classes, sobre a base

do programa de independência de classe, do qual o marxismo é a expressão maior.

Este novo jornal será um instrumento de ação e de impulsão das atividades, dos militantes e simpatizantes no terreno concreto da ação política. Ele inspira e explica as campanhas e atividades da Esquerda Marxista, as tarefas de construção da organização e das diferentes frentes de intervenção. Ele relata a vida das seções da CMI, suas atividades e vitórias. É um jornal marxista, internacionalista.

A formação política prática, que ele incentiva, se liga e dá continuidade às atividades teóricas e políticas expressas no site [www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br) e na revista América Socialista.

Este novo jornal busca ser uma expressão real do que se passa nas fábricas, escolas, locais de trabalho e da vida dos trabalhadores e da juventude.

É sob esta orientação para mobilizar, organizar e construir a organização revolucionária que a Esquerda Marxista combate pela revolução socialista e pela construção de uma sociedade nacional e Internacional baseada na economia planificada, na expropriação dos expropriadores burgueses, no controle coletivo e democrático dos trabalhadores sobre o conjunto da sociedade para resolver as necessidades mais sentidas, imediatas e históricas da classe trabalhadora.

Esse é o sentido de todas as suas publicações.

## Nosso logo e projeto gráfico

| Evandro Colzani

Em 1917, trabalhadores e camponeses derrubaram a monarquia e expropriaram o capital na Rússia. Sabendo da ameaça que representava essa revolução, as burguesias das potências capitalistas logo trataram de organizar mais de 20 exércitos, chamados de brancos, que tinham como objetivo afogar a revolução em sangue. Os bolcheviques organizaram então, sob a liderança de Leon Trotsky, o Exército Vermelho, armaram o proletariado soviético, defenderam a revolução durante a guerra civil, garantiram a vitória dos trabalhadores e o nascimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A obra “Derrotar os Brancos com a Cunha Vermelha”, produzida por Lazar Markovich Lissitzky, em 1919, em plena guerra civil, mostra o Exército Vermelho representado em um triângulo vermelho que avança sobre o círculo branco, isto é, atacando os exércitos brancos. El Lissitzky (nome pelo qual Lazar era conhecido) foi um artista, designer, fotógrafo, tipógrafo, arquiteto e, acima de tudo, um revolucionário. Fruto deste processo turbulento que marcou o início do século 20 e da conexão do artista com o processo



Derrotar os Brancos com a Cunha Vermelha, El Lissitzky, 1919

revolucionário, a obra de Lazar rompe com o que era convencional e influencia as gerações posteriores.

A referência à obra de El Lissitzky no logo do nosso jornal, e que guia as decisões estéticas do projeto gráfico, busca dialogar com este período de convulsões e levantes da nossa classe nos quatro cantos do globo. Os embriões revolucionários do nosso século na luta pelo fim do capitalismo e na construção de uma sociedade socialista. É com a disposição de combate dos revolucionários que deram suas vidas por essa grandiosa tarefa, com o entusiasmo de quem vive em um tempo de revoluções que sacodem o mundo, mesmo diante de uma pandemia, é que a Esquerda Marxista se coloca no combate, com um novo jornal e com a bandeira vermelha erguida!

### EXPEDIENTE

TEMPO DE  
REVOLUÇÃO

**Diretor de Publicação:**  
Serge Goulart

**Editor:** Evandro Colzani

**Conselho Editorial:**  
Alex Minoru, Caio Dezorzi,  
Evandro Colzani, Johannes  
Halter, Lucy Dias, Luiz  
Bicalho, Maritania Camargo  
e Serge Goulart

**Comitê de Redação:**  
André Mainardi, Flávia  
Antunes, Francine  
Hellmann, Henrique de  
Macedo, Mariana Rosa,  
Michel Silva, Michelle  
Vasconcellos e Pedro  
Corrêa

**Diagramação:**  
Henrique de Macedo

**Capa:**  
Evandro Colzani



## SITUAÇÃO POLÍTICA

# Mais de mil ativistas de 23 estados do Brasil convocam encontro nacional contra Bolsonaro para julho

| Caio Dezorzi

No dia 1º de maio, enquanto a CUT e outras centrais sindicais estavam realizando um ato junto com FHC, Ciro Gomes e outros inimigos da classe trabalhadora, reafirmando sua política de colaboração de classes e submissão aos interesses do capital, foi realizado um ato nacional on-line que lançou uma convocatória firmada por 1.075 militantes, ativistas, trabalhadores e jovens de 23 estados do Brasil, chamando para um “Encontro Nacional de Luta: Abaixo Bolsonaro! Por um Governo dos Trabalhadores Sem Patrões Nem Gerais!” a ser realizado de maneira on-line em 10 de julho.

Nesta live de lançamento da convocatória, que já foi assistida por mais de 3 mil pessoas, mais de 20 oradores de todas as regiões do Brasil intervieram explicando que é um crime político esperar as eleições de 2022 para tentar remover Bolsonaro do poder, diante de sua política que já levou à morte mais de 400 mil brasileiros pela Covid-19, enquanto o governo corta orçamento da saúde, ataca a ciência, a educação, a cultura, o meio ambiente, gera fome e desemprego, além de incentivar o racismo, o machismo, a homofobia, a xenofobia e todo tipo de preconceito que só leva à divisão dos oprimidos.

Os mais de mil convocantes deste encontro são uma força motora inicial para reunir muitos mais em julho, com o objetivo de discutir as formas e os meios de desenvolver o combate para ajudar as massas na sua mobilização para pôr abaixo o governo Bolsonaro.

A íntegra do texto da convocatória para o encontro, com as 1.075 assinaturas de 23 estados do Brasil, pode ser conferida [aqui](#).

O texto da convocatória afirma:

*“As direções da CUT e dos grandes sindicatos não organizam o combate necessário. Convocam falsos dias de luta, e nada organizam nem mobilizam. Recusam-se a construir uma greve geral em defesa da vida da classe trabalhadora, dos empregos e para derrubar Bolsonaro. Sob pressão das massas, as direções reformistas, conciliadoras e secretárias se viram obrigadas a assumir o “Fora Bolsonaro”, mas é só discurso. Seu objetivo, na prática, é respeitar o mandato fraudulento de Bolsonaro e paralisar as massas apontando para as eleições de 2022.”*

E continua:

*“Os que manobram pela continuidade do governo Bolsonaro estão sendo cúmplices do massacre que se alastra. Os burocratas e reformistas, assim como a burguesia, temem a mobilização de massas. Quando a crise se eleva, falam de impeachment, mas não agem. Nenhuma esperança pode vir deste Congresso Nacional de ladrões e picaretas. Só quem pode libertar a classe trabalhadora é a organização, a mobilização e a luta da própria classe trabalhadora.”*

Uma questão chave a ser debatida neste encontro de julho é a necessidade da greve geral como principal arma da classe trabalhadora para confrontar o governo. Ainda mais numa situação de pandemia descontrolada, com a sabotagem aberta da vacinação por parte de Bolsonaro, em que realizar grandes manifestações de rua implica em aglomerar e colocar em risco ainda maior a saúde e a vida de trabalhadores e jovens, o método da greve, para obstruir a produção capitalista, ganha ainda mais relevância.

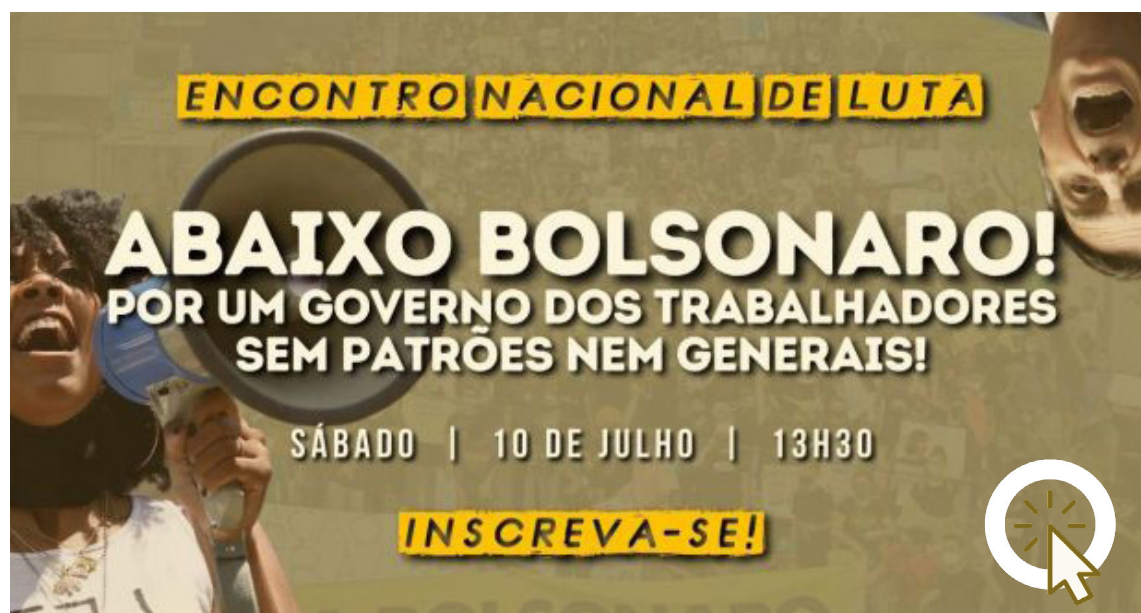


O ato do 1º de Maio pode ser assistido na íntegra [aqui](#).

Já na preparação do encontro, enquanto segue a batalha para tornar sua convocatória o mais amplamente conhecida e ampliar o número de inscritos, todos que se engajam neste combate estão chamados a refletir e elaborar sobre como podemos ajudar o conjunto da classe trabalhadora a romper o imobilismo de suas direções e avançar para uma greve geral por tempo indeterminado, capaz de varrer Bolsonaro e sua corja de reacionários do poder.

Temos praticamente dois meses para construir este Encontro Nacional de Luta. Muito ainda será debatido até

lá. Enquanto isso, nos inspiramos na combatividade da juventude trabalhadora colombiana que vem demonstrando como é possível lutar contra os governos mais repressores. Nossa luta é internacional! E cada passo que os explorados e oprimidos dão mundo afora deve animar e dar impulso à nossa luta Brasil adentro. Ajude-nos a construir este encontro! Assine a convocatória conosco! Faça parte e divulgue o máximo que puder! Vamos romper o imobilismo e ajudar a classe trabalhadora brasileira a colocar o bolsonarismo no seu devido lugar: a lata de lixo da história!



## ATENÇÃO



Toda vez que você ver esse símbolo do **círculo com a seta do mouse**, significa que você pode clicar e ser redirecionado para um conteúdo externo. Faça um teste clicando na imagem ao lado e aproveite para se inscrever no Encontro.

## MOVIMENTO NEGRO SOCIALISTA

Foto: Katherine Hanlon



A luta contra o racismo no Brasil passa pela derrubada de Bolsonaro já

## PARTICIPE NESTE 13 DE MAIO

### São Paulo - SP

#### As revoltas conquistaram a abolição



Quando: 13/05  
Horas: 19:30h  
Onde: [Atividade online. Clique e inscreva-se!](#)

### Rio de Janeiro - RJ

#### O massacre do Jacarezinho, o 13 de maio e a luta hoje contra o racismo



Quando: 13/05  
Horas: 19h  
Onde: [Atividade online. Clique e inscreva-se!](#)



Curta a página do  
Movimento Negro  
Socialista (MNS) no  
Facebook!

# O 13 de maio e a luta contra o racismo hoje

| Felipe Araujo

Hoje, há basicamente duas interpretações sobre a Lei Áurea: uma delas diz que a abolição foi uma concessão da princesa boazinha. Essa linha, em geral, é defendida pela burguesia e pelos seus aparelhos, para apagar as diversas formas de resistência na luta contra a escravidão e contra o racismo.

Do outro lado, há aqueles que menosprezam a data, buscando assim combater a mentira propagada pela versão anterior. Em geral, estes são militantes honestos do movimento negro que, contra a falácia da “princesa benevolente”, acabam puxando a alavanca demais para o outro lado e caindo no erro de também negar a luta histórica por trás da abolição. Em geral, seu argumento inclui o fato de que houve abolição, mas não havia políticas públicas para os negros (saúde, educação, moradia), o que na prática os mantinha na mesma condição de pobreza extrema e exploração desumana.

Para nós, do Movimento Negro Socialista, o 13 de maio é fruto de uma intensa luta organizada contra a escravidão. A Lei Áurea foi assinada a contragosto da burguesia, justamente para impedir um processo insurrecional que poderia sair ainda mais caro para a burguesia.

Se é verdade que não houve liberdade de verdade é porque nunca foi esse o objetivo da Lei Áurea. Ela nunca prometeu liberdade, apenas alegava (na lei) o fim do método escravocrata de exploração, substituindo pelo modelo salarial. Nunca que a burguesia poderia oferecer liberdade plena para os negros, afinal, isso é impossível no capitalismo.

Contudo, dizer que hoje ainda vivemos a mesma escravidão de antes

é um erro grosseiro. Os negros hoje possuem uma vida muito melhor que antes, e isso se deve à sua resistência contra a classe dominante. Se não temos a liberdade plena e o fim definitivo do racismo é porque isso não é possível dentro de uma sociedade de classes, dentro do capitalismo. Por isso, a luta contra o racismo hoje exige travar uma luta igualmente firme contra o capitalismo, a outra face da mesma moeda.

Nossos antepassados travaram a valente batalha contra a chibatada em praça pública, contra as correntes e contra a ideia de que um ser humano poderia ser propriedade de outro, que poderia fazer tudo que quisesse com o corpo dele. Isso não foi pouca coisa. Isso não pode ser diminuído.

Contudo, é verdade que eles não conquistaram pleno emprego nem saúde, educação e transporte público, gratuito e para todos. Essa é, portanto, tarefa nossa. Para isso é necessário travar uma luta igualmente corajosa contra as velhas estruturas de

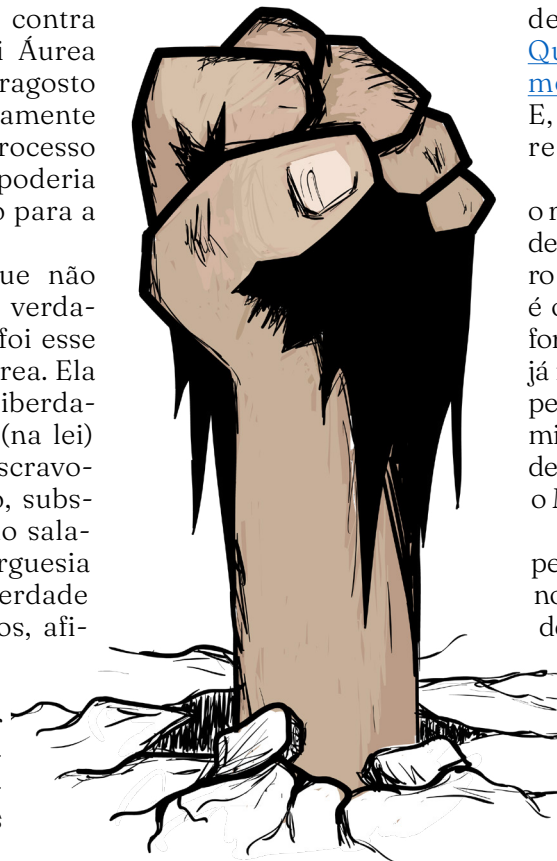
repressão da classe dominante. Com o fim da escravidão e com a democracia, o açoite ficou disfarçado, mas igualmente covardemente nos castigando, encarcerando e assassinando todos os dias, mas agora com uma máscara democrática.

Assim, as polícias e os judiciários trabalham de mãos dadas nos perseguindo e punindo como criminosos enquanto os políticos aplicam leis que aumentam a exploração e retiram os direitos conquistados com suor e sangue no passado. Todo dia vemos casos de negros sendo assassinados das mais diversas formas pela polícia, implantando a pena de morte no Brasil. E os policiais quase sempre são inocentados pela “Justiça”.

O caso mais recente foi a chacina ocorrida no Rio de Janeiro, na favela do Jacarezinho, em que 25 pessoas acabaram mortas na operação policial mais letal da história da cidade. Operação assassina elogiada por Bolsonaro, expressão da escória da humanidade. Uma verdadeira chacina à luz do dia. [Quando a polícia sobe o morro, o sangue escorre.](#) E, invariavelmente, escorre sangue negro.

Nesse sentido, a luta contra o racismo exige uma luta para derrubar o governo Bolsonaro imediatamente. Afinal, ele é o principal financiador das forças repressivas. Enquanto já morreram mais de 400 mil pela Covid-19, Bolsonaro diminui o orçamento para saúde e educação e aumenta para o Ministério de Defesa.

Por isso convidamos cada pessoa a estar conosco em nossas atividades do dia 13 de maio para darmos continuidade à luta dos negros (e não negros) que lutaram contra os senhores na esperança de uma sociedade plenamente livre.



# Juventude se prepara para o Encontro Nacional Abaixo Bolsonaro

| Lucy Dias

A educação e a ciência têm sido fortemente atacadas nas últimas décadas. A transferência de verbas públicas para o setor privado via programas como Prouni e Fies, o sucateamento das universidades e escolas públicas com cortes no orçamento, a sanha privatista acompanhada de contrarreformas do ensino, o rebaixamento do ensino técnico em formação de auxiliares e os cortes nas bolsas de pesquisas dos governos anteriores agora são aprofundados pelo governo Bolsonaro e seu caráter negacionista e anti-ciência.

Em pleno ano de pandemia, esse governo reduziu investimentos para educação que ago-

ra ocupa apenas 2,9% do Orçamento 2021. Enquanto isso, o pagamento da Dívida Pública ocupa 37,07% do mesmo orçamento. A consequência das “prioridades” do governo já está sendo sentida nas defasagens de aprendizado que precisarão de, pelo menos, uma década para serem revertidas!

Nesse exato momento, estudantes e trabalhadores da educação retornam para as salas de aula sem vacina para todos. O resultado é a ampliação do assassinato social que está sendo promovido em todo Brasil por responsabilidade das políticas desse governo.

Em 15 de maio completam-se dois anos desde as maravilhosas manifestações contra os cortes

na educação que levaram mais de um milhão de jovens às ruas, que desde então já sabiam qual o caminho para defender a educação: o Fora Bolsonaro. A Liberdade e Luta continua hasteando essa bandeira e se soma com entusiasmo às atividades de preparação do Encontro Nacional de Luta Abaixo Bolsonaro, que será realizado em 10 de julho.

Até o fim de junho, atividades locais sobre “A luta pela educação pública, gratuita e para todos” e a “Fora Bolsonaro Já” serão realizadas em diferentes cidades. O objetivo é discutir a conjuntura política, da educação, apontando uma perspectiva de luta e organização para jo-

vens estudantes e trabalhadores que sabem que o direito à educação está seriamente ameaçado: a luta para pôr abaixo esse governo.

Nessas atividades novos núcleos da Liberdade e Luta serão fundados/refundados para seguir organizando a luta pelo Fora Bolsonaro Já e pelo socialismo, partindo das lutas locais pelo direito à educação e condições para o estudo na pandemia, unindo-nos aos trabalhadores da educação pela manutenção dos empregos, por condições de trabalho, em defesa das nossas vidas, pelo retorno presencial só com vacina para todos!

[Organize-se em um núcleo da Liberdade e Luta ou ajude a construir um novo!](#)



A Liberdade e Luta tem o orgulho de lançar a Brochura “A luta pela educação pública, gratuita e para todos: questões do movimento estudantil” em versão PDF.

A brochura aborda temas como o debate sobre a qualidade e universalização da educação pública e gratuita; fundação à degeneração da UNE e da UBES; luta pelos sindicatos de estudantes; luta por educação pública, gratuita e para todos nas universidades pagas e sobre qual a posição marxista a respeito da autonomia universitária.

Esse material será utilizado como instrumento de formação e discussão na base sobre temas candentes do movimento.

**[COMPRE AQUI!](#)**

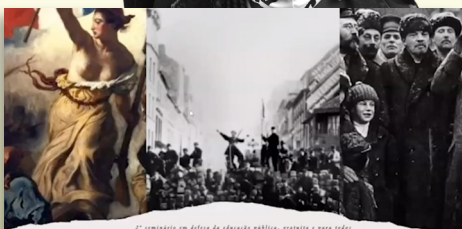
## 2º SEMINÁRIO EM DEFESA DA EDUCAÇÃO

No dia 17 de abril, realizamos o 2º Seminário em Defesa da Educação Pública, Gratuita e Para Todos com 556 inscritos de todas as regiões do Brasil. O evento discutiu as origens do combate que deu nome ao seminário,

a conjuntura da educação brasileira em tempos de pandemia, as conquistas da educação soviética e como construímos uma direção revolucionária na educação. Foram publicados relatos sobre cada uma das mesas, [além da De-](#)

[claração Final aprovada pela maioria dos participantes.](#)

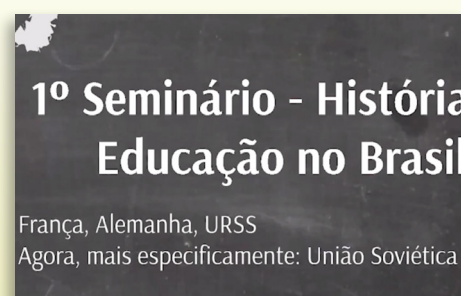
Outra novidade importante é que os informes da abertura, painel e das duas mesas de debate estão publicados para quem quiser assistir:



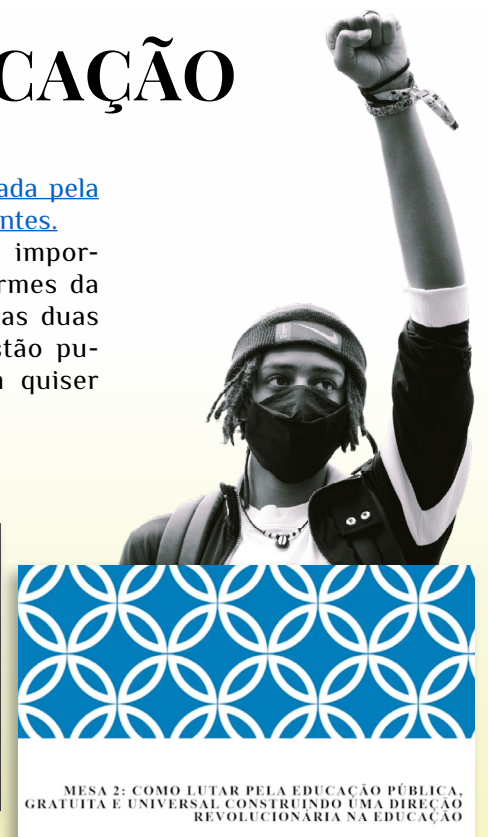
Abertura 1



Abertura 2



Mesa 1



Mesa 2

# Em defesa da vida de todos os trabalhadores e estudantes

*Trabalhadores municipais de Florianópolis em greve contra o retorno às aulas presenciais*

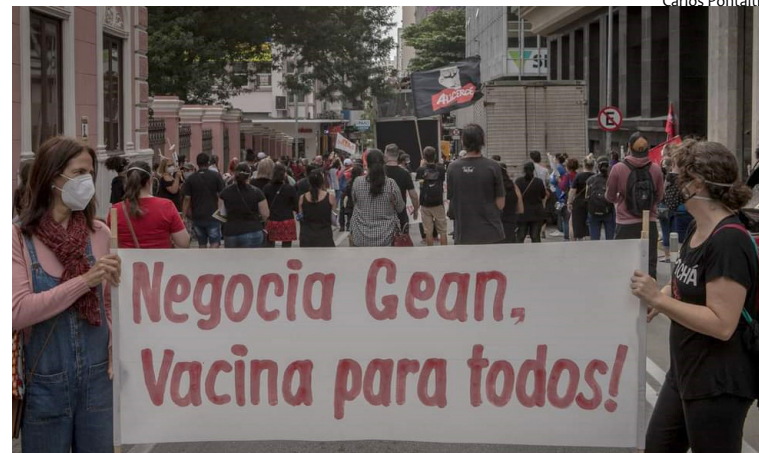
| Corrente Sindical Esquerda Marxista Florianópolis

No dia 24 de março de 2021, os trabalhadores municipais de Florianópolis, Santa Catarina, cessaram por completo suas atividades contra o retorno às atividades presenciais nas unidades educativas do município. Essa também é a data em que o prefeito Gean Loureiro (DEM) estabeleceu para que os profissionais da educação retornassem às escolas, núcleos de educação infantil e de jovens e adultos que até então seguiam com o atendimento na modalidade remota desde abril do ano passado.

Nesse contexto, nós da Corrente Sindical Esquerda Marxista, que participamos ativamente de sua base, estamos juntos ajudando a construir esse movimento desde o início, defendendo a necessidade da greve total e militante com cessamento das atividades escolares por parte dos profissionais da educação. Combatemos pela necessidade da consigna de que aulas presenciais só serão possíveis com vacina para todos e com condições sanitárias seguras para não colocar nenhuma vida em risco. Explicamos que

a luta pela vacina não deve ser uma luta corporativista, mas que deve estar pautada na defesa da vida de todos os trabalhadores, jovens e crianças de nossa classe.

Mesmo com todos os limites colocados por uma greve realizada em um momento extremamente crítico da pandemia, nossos militantes têm participado de reuniões pedagógicas remotas para dialogar com os trabalhadores que ainda não aderiram ao movimento, realizado reuniões para explicar às famílias os motivos da greve, angariando



Para Bolsonaro e Gean, a vida dos trabalhadores não passa de um número

apoio, participado de atos de ruas nos bairros e pela cidade (mantendo todas as medidas de segurança possíveis).

Também estamos fazendo parte do comando de greve, que é composto pelos representantes dos locais de trabalho e demais trabalhadores que queiram auxiliar na construção do movimento e da comissão de mística, esta última encarregada em traduzir nossas lutas em arte. Dessa forma, vamos exercitando os métodos de luta da classe trabalhadora.

Assim seguimos em mais de 40 dias de luta, com uma greve considerada legal pela Justiça (fato inédito para o nosso movimento) e com a intransigência do prefeito Gean,

que se recusa a negociar com a categoria. Temos explicado que essa estratégia por parte do Executivo visa criminalizar nosso movimento e acabar com o Sintrasm, nosso principal instrumento de organização de luta no qual ajudamos a construir sua história. Como ele já tentou fazer na greve dos trabalhadores da Comcap, a estatal de limpeza do município.

Se para Bolsonaro, Gean e todos os capitalistas a vida dos trabalhadores não passa de um número de matrícula, cabe a nós manter a unidade, organização e resistência para salvar nossas vidas e a de todos que pertencem à nossa classe.

## Ferrovários de SP na luta contra a privatização da CPTM

| Lucas Dametto

O governo João Doria (PSDB) sempre esteve ao lado dos patrões. Nessa conjuntura, de crise mundial econômica e sanitária, esta gestão não poderia ser outra coisa que não uma guerra aos trabalhadores. É neste contexto que os ferroviários da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) foram colocados diante da tarefa de se organizar para se defender das investidas do atual governo. Em setembro de 2019, estes esforços culminaram na construção do Comitê de Luta Contra a Privatização da CPTM.

### O Comitê e a ferrovia

A última década foi marcada por um trabalho de desmobilização da categoria por parte dos sindicatos. Os sindicatos Sorocabana,

Ferrovários de São Paulo – ambos membros da UGT – e o sindicato Central do Brasil (CUT) têm sido coniventes com a política de ataque aos ferroviários e seguiram desmoralizando a categoria, a um ponto em que as assembleias não reúnem mais do que 10 ferroviários.

O surgimento do Comitê mostrou que existe disposição de luta, o que falta é confiança nas direções, que traem os trabalhadores. É por isso que ele nasce independente de qualquer uma destas três direções e que intervém – seja nas assembleias sindicais ou nas próprias reuniões que convoca – denunciando-as por entregarem a categoria de bandeja para a burguesia. O Comitê combate ainda pela construção de uma direção capaz de

mobilizar os trabalhadores e que os prepare para se unificar às lutas do restante da nossa classe.

### O combate do Comitê no próximo período

A privatização da CPTM se mantém como o carro chefe da política de Doria, e o Comitê de Luta Contra a Privatização denuncia o interesse dos capitalistas no desmonte da Companhia enquanto empresa pública. A venda das linhas 8 e 9 ao Grupo CCR em abril sem dúvida significou uma grande derrota para os ferroviários e a perspectiva é de tentativa de demissões por parte da gestão da empresa. Para os que ficarem, já é esperado ainda mais arrocho e perdas de direitos.



No entanto, a situação não está perdida. É neste período de maior dificuldade que o Comitê tem conseguido reunir os elementos mais avançados e dispostos ao combate. Na última assembleia do sindicato Sorocabana foi possível ver as fraturas

no domínio das direções burocráticas após a aprovação da greve chamada a contragosto por elas. Mesmo que muito limitado, o movimento reflete a pressão sentida a partir da base. A luta não terminou, a categoria segue sob ataque, a pandemia segue dizimando trabalhadores e o espectro da privatização agora paira sobre as linhas 7 e 10. Não podemos nem iremos aceitar isso de braços cruzados!

Nosso combate segue, vamos intervir em todos os espaços de discussão da categoria, defendendo uma política ousada e revolucionária no seio dos ferroviários.

- Em defesa da vida dos ferroviários!
- Chega de arrocho!
- Contra a privatização da CPTM!

# Tempo de estudar o marxismo e a revolução

| Michel Goulart da Silva

A formação política e teórica é uma das tarefas mais importantes para os revolucionários. A Esquerda Marxista entende como central que seus militantes conheçam os clássicos do marxismo e, também, os debates teóricos mais relevantes da luta de classes. Para tanto, desenvolvemos ações de formação como a Universidade Vermelha e a Universidade Marxista Brasil (UMB).

No jornal Tempo de Revolução, mostraremos as atividades de formação que nossa organização realizará. Uma delas é a UMB. Centrada na história das revoluções, esse conjunto de atividades virtuais trará reflexões teóricas, políticas e históricas sobre os diferentes processos de transformação política ocorridos nos últimos 200 anos. Sua primeira atividade, no dia 29 de maio, terá como tema a Comuna de Paris.

Passando por temas clássicos, como as revoluções alemã e russa, bem como a espanhola, chinesa e cubana, a UMB também trará debates sobre processos políticos pouco discutidos no Brasil, como o levante dos trabalhadores na Bolívia em 1952. Além disso, também serão tratados alguns processos políticos ocorridos no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, como o tenentismo, a “revolução” de 1930 e as ações do PCB.

Também serão realizadas atividades locais de formação, por meio da Universidade Vermelha, que inclui estudos de textos clássicos do marxismo, como o “Manifesto Comunista”, “Salário, Preço e Lucro”, “Do Socialismo Utópico ao Socialismo

Científico”, “Programa de transição”, entre outros. Cada regional, cada célula realizará suas formações ao longo do ano. Essas ações ganharão espaço no Tempo de Revolução, mostrando o processo vivo de formação dos militantes da Esquerda Marxista em todo o Brasil.

Esse conjunto de atividades pretende colocar nas mãos dos militantes o instrumental teórico necessário para intervir na luta de classes. Elas são parte fundamental no processo de formação daqueles que combatem pela derrubada do Estado burguês e pelo fim da sociedade capitalista.



Gilberto Maringoni

## Vamos estudar Trotsky?

*A experiência na organização de um seminário sobre a obra do revolucionário russo*

| Fabiano Stoiev

No “Manifesto Comunista”, Karl Marx relata que o proletariado, que dava seus primeiros passos no século 19, teve a oportunidade de ampliar sua organização graças aos “meios crescentes de comunicação, criados pela grande indústria, que põem os operários das diversas localidades em contato uns com os outros”. Se as formas de comunicação eram um importante recurso no passado, são ainda mais hoje com o alcance proporcionado pelas redes nesses tempos de distanciamento social.

E foi pensando em explorar da melhor forma possível os recursos de comunicação disponíveis que os militantes da Esquerda Marxista do Paraná organizaram o “Curso Trotsky”, que tem ocorrido ao longo do primeiro semestre desse ano, abordando, quinzenalmente, temas e textos clássicos desse revolucionário russo.

O trabalho começou na divulgação do seminário, com a produção de postagens específicas para cada rede social: Facebook, Instagram e Whatsapp. E seguiu com a elaboração de um formulário para as inscrições, além da produção de um blog com informações permanentes sobre curso, contendo links para os textos sugeridos para leitura. Para facilitar ainda mais o acesso, os inscritos também receberam uma versão PDF do texto a ser debatido a cada módulo. Um [audiobook do clássico Progra-](#)

[ma de Transição](#) foi preparado pelos organizadores.

O resultado foi encorajador. O curso conta hoje com mais de 50 inscritos. Mas o desempenho do seminário não se deve exclusivamente aos meios de comunicação utilizados. Antes de tudo, é a vasta e rica obra de Trotsky que a torna uma leitura essencial para compreender os diversos aspectos do capitalismo, dos movimentos políticos e da luta pelo socialismo. Os temas “Revolução Permanente”, “Programa de Transição” e “Frente Única” já foram abordados. O programa prevê para os próximos encontros: “Trotsky e os Sindicatos” (13/05); “Trotsky, Arte e Cultura” (27/05); “Trotsky e os Modos de Vida” (10/06); “Trotsky e a Questão das Mulheres” (24/06); “Stalinismo e Burocratização” (29/07). As videoconferências são via Meet, sempre às 19h.

Os módulos são apresentados pelos próprios militantes, que estimulam o debate entre os inscritos a partir de uma reflexão sobre a atualidade das contribuições de Trotsky para a teoria e a prática revolucionárias. É esse o principal cuidado do nosso curso. Não queremos tratar a obra deste revolucionário de forma acadêmica, diletante. Mas pensá-la como um guia para nossa própria intervenção na luta de classes.

Então, vamos estudar Trotsky?

## PARTICIPE DO CURSO TROTSKY :

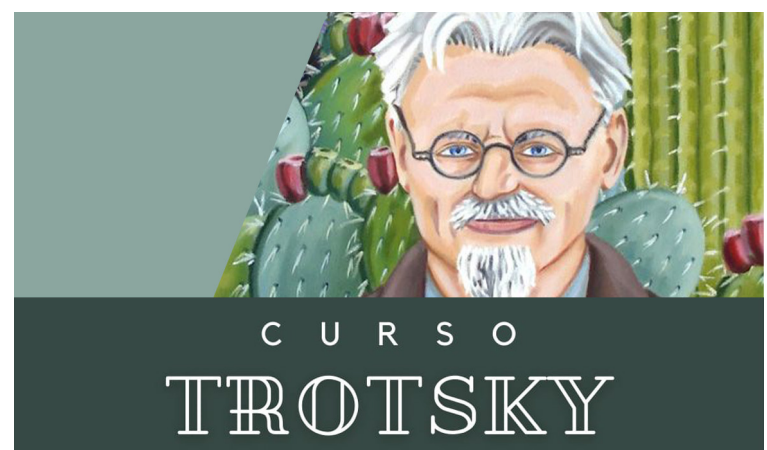


13/05 : Trotsky e os Sindicatos  
27/05 : Trotsky, Arte e Cultura  
10/06 : Trotsky e os modos de vida  
24/06 : Trotsky e a Questão das Mulheres  
29/07 : Stalinismo e Burocratização

Clique e Inscreva-se!



\*Atividades sempre às 19h





# 1º de Maio de 2021: a CMI mantém a bandeira vermelha hasteada

## Seções da CMI atuam na luta de classes

O Dia do Trabalhador em 2021 foi marcado pela barbárie causada pela forma como a classe dominante lidou com a pandemia e a crise do capitalismo. Um aumento massivo e subterrâneo da ira das massas ocorreu em todo o mundo, mas os líderes reformistas usaram a pandemia, em muitos países, como uma desculpa para cancelar os comícios de 1º de Maio. No entanto, onde foi possível, camaradas da Corrente Marxista Internacional (CMI) participaram dos protestos do Dia do Trabalhador em todo o mundo. Além da atividade no Brasil e das listadas abaixo, camaradas de países como Checoslováquia, Espanha, Noruega, Suécia, Suíça, El Salvador e Venezuela também realizaram atividades nesta data histórica da classe trabalhadora.

### Áustria

Na Áustria, uma série de manifestações levou milhares às ruas de todo o país. Der Funke, a CMI na Áustria, participou de 11 manifestações em sete cidades, com fortes contingentes revolucionários na maioria delas. Mais de 340 exemplares da última edição de seu jornal foram vendidos, cujo principal artigo foi dedicado à luta sobre o fechamento de uma fábrica de caminhões da Volkswagen, onde nossos camaradas defendem a nacionalização sob controle dos trabalhadores.

### Grã-Bretanha

Socialist Appeal mobilizou-se para a série de manifestações “Kill the Bill”, realizadas neste 1º de Maio em toda a Grã-Bretanha. Os protestos foram convocados em resposta à tentativa do governo de apresentar um novo projeto de lei sobre policiamento e crime que restringiria massivamente o direito de protestar.



Em todo o mundo, a ira das massas aumenta, mas é barrada pelas direções reformistas

### Canadá

Os camaradas de Fightback/La Riposte Socialiste, a seção canadense da CMI, intervieram em comícios do Dia do Trabalhador em Toronto, Quebec e Edmonton onde nosso camarada Lars fez um discurso inflamado condenando o governo por seus ataques brutais à classe trabalhadora, e criticou sua abordagem fracassada para conter a pandemia.

### Dinamarca

Com a desculpa da pandemia, o movimento sindical oficial cancelou todos os protestos na Dinamarca. No entanto, a taxa de infecção atual é bastante baixa no país – bares, escolas e vida pública já foram reabertos. Essa foi uma manobra óbvia dos burocratas para não ter que sair às ruas.

A seção dinamarquesa decidiu organizar seu próprio comício de 1º de Maio. O evento foi organizado como um protesto contra o racismo do governo social-democrata, a inação dos políticos na

questão climática e contra a ofensiva dos patrões durante a pandemia.

### Indonésia

As manifestações foram realizadas em uma atmosfera mais silenciosa este ano devido à pandemia e à repressão das autoridades. O número de participantes no Dia do Trabalhador foi relativamente pequeno: cerca de 500 em cada cidade. Apesar disso, os camaradas da seção indonésia da CMI tomaram as ruas ao lado de trabalhadores e jovens em muitas cidades, com jornais e panfletos em mãos.

A proximidade da Indonésia com Tailândia e Mianmar resultou nessa tentativa de prevenir quaisquer manifestações de massa por parte do governo. Eles estão bem cientes do que está acontecendo por lá e temem uma explosão social em seu próprio país.

### Itália

O 1º de Maio na Itália sofreu com o mau tempo e pelo cancelamento dos tradicionais eventos pelos principais sindicatos de várias cidades. A nossa intervenção mais importante teve lugar em Bolonha no dia 30 de abril, em frente a uma das principais siderúrgicas da província, com vendas do jornal Rivoluzione e distribuição de cravos, a flor

simbólica do 1º de Maio. Os camaradas da seção italiana também participaram de atos em diversas cidades.

### Nigéria

Os trabalhadores nigerianos realizaram um comício do Dia do Trabalhador organizado conjuntamente pelo Congresso do Trabalho da Nigéria e pelo Congresso Sindical. Membros da seção nigeriana da CMI participaram em Lagos e Ibadan, no estado de Oyo. Um total de 139 cópias da Alternativa dos Trabalhadores foram vendidas por nossos camaradas.

### Paquistão

O 1º de Maio foi celebrado em todo o Paquistão em meio à terceira onda da pandemia. Aproveitando a situação, o governo impôs restrições rigorosas às reuniões,

enquanto as reuniões religiosas e políticas burguesas continuam impunemente. Apesar desses obstáculos, a frente trabalhista da CMI no Paquistão realizou tantas atividades de 1º de Maio quanto possível, enquanto seguia estritamente os protocolos de distanciamento social. Mais de 10 mil pôsteres para o Dia do Trabalhador foram espalhados por todo o país.

### Estados Unidos

Embora o 1º de Maio tenha se originado na comemoração da luta dos trabalhadores de Chicago e do massacre de Hay Market, o Dia do Trabalhador oficial foi marcado para setembro nos EUA em um esforço consciente da classe dominante para eliminar a militância socialista e da classe trabalhadora. Como resultado, muitas das tradições em torno do 1º de Maio foram perdidas. Ainda assim, este ano houve várias manifestações organizadas por grupos de esquerda e organizações de direitos dos imigrantes. Nossos camaradas de Socialist Revolution participaram em mais de 20 cidades de manifestações, distribuindo panfletos e vendendo materiais.

